

engolfados em prazeres, e occupações diversas, lá nos vem surprehender males, e incommodos que nos amarguram a existencia, os quaes, no entanto, poderiam em tempo ser prevenidos. *Principiis obsta.....*

REGISTRO CLINICO.

ENVENENAMENTO DE DUAS PESSOAS PELA TROMBETERIA.

(*Datura arborea* Lin.)

Pelo Dr. J. V. da Silva Lima.

São tão numerosas no Brazil as plantas que podem produzir envenenamento, quer usadas indiscriminada, ou inscientemente, quer administradas para fins criminosos, e algumas d'ellas acham-se tão introduzidas na pratica dos curandeiros, e tanto á mão pelos quintaes e jardins, que fôra para desejar não só que todas ellas fossem bem conhecidas da profissão medica em geral, mas tambem que os seus efeitos toxicos fossem cuidadosamente registrados, sempre que se offerecessem á observação clinica. É por isso que julgo de alguma utilidade narrar o seguinte caso, que tive occasião de observar ha pouco tempo.

Dous pretos africanos, ambos escravos, moradores na mesma casa, Pedro de 35 a 40 annos, e João de 25 a 30, soffriam de dôres rheumaticas, e, como é frequente entre elles, em vez de se queixar a seu senhor, consultou o mais idoso a um curandeiro, tambem preto, o qual aconselhou banhos com cosimento de umas folhas, das quaes lhe forneceu abundante provisão. Na noite de 12 de agosto ultimo, depois de uma ceia abundante, de que ambos participaram, Pedro preparou o cosimento, e como o seu companheiro soffria do mesmo mal, convidou-o a experimentar as virtudes curativas do remedio que lhe haviam aconselhado, ao que João accedeu sem difficuldade.

Infelizmente, porém, ou porque não tivessem sido comprehendidas as instrucções para o uso do remedio, ou porque entendessem os doentes que se elle era bom em banhos, melhor seria em bebida, tomaram cada um cerca de duas chicaras (pela vasilha, que me mostraram, calculei em 6 á 8 onças) d'aquelle cosimento, e deitaram-se logo. Uma hora depois accordaram com dôres pelo ventre, e vomitos; estavam hallucinados, com a pelle muito fria, paralyticos a ponto de se não poderem erguer, e pediam que lhes dessem azeite a beber, remedio popular, como se sabe, contra os envenenamentos. Foram applicados sinapismos ás pernas e administradas fre-

quentes doses de oleo de ricino, mesmo sem conselho medico, o que produziu algum alivio.

Fui chamado a visitar estes doentes no dia seguinte ás 8 horas da manhã. Já podiam caminhar, mas estavam ainda tropegos e hallucinados, vendo objectos imaginarios, phantasmas, ratos a passear pela camara etc., de que procuravam fugir dirigindo-se para a porta. Ambos tinham as pupillas muito dilatadas, e a superficie do corpo fria; o pulso era regular em rythmo, e frequencia: a boca e fauces nada offereciam de notavel.

Pedro tinha vomitado por muitas vezes grande quantidade de alimentos, porém não havia tido dejecções alvinas. Estava já menos hallucinado, e respondia razoavelmente ás perguntas que se lhe faziam; caminhava bem, e apenas accusava algumas dôres pelo ventre. João havia feito algumas dejecções, mas não tinha vomitado; estava ainda hallucinado, e tinha a apparencia de um homem em estado de meia embriaguez. Os peiores symptomas haviam desaparecido; prescrevi a Pedro oleo de ricino, a João um emetico, e a ambos café forte repetidas vezes. Voltei a vel-os ás 3 horas da tarde; os remedios haviam produzido o desejado effeito; os doentes estavam muito melhorados, mas ainda com o olhar um tanto espantado, e as pupillas dilatadas.

No dia seguinte pela manhã, 36 horas depois da ingestão do cosimento, estavam restabelecidos, bem que um tanto fracos.

Na panella que servira a fazer o cosimento estavam dous ramos com muitas folhas, e algumas flores rudimentares, de uma planta que reconheci ser a trombeteira (*Datura arborea*, Lin) o que verifiquei, não só pelo que depois confessaram os pretos, como tambem por outro exemplar da mesma planta que um d'elles trouxe depois, da mesma procedencia, e com flôr aberta (branca). Esta circumstancia serviu-me para determinar a especie, distinguindo-a da *Datura fastuosa*, cuja flor é listrada de rôxo. A cocção tinha tornado as folhas de um verde amarellado, as quaes exhalavam um cheiro extremamente desagradavel, que fazia lembrar o da valeriana. (*)

Não se pode calcular exactamente a dose que tomou cada um d'esses dous pretos d'aquelle cosimento, nem em que grau de concentração; é certo porém, que foi bastante a produzir os effeitos toxicos proprios ás solaneas

(*) Quando eu examinei estas folhas, já ellas haviam sido lançadas fora, de mistura com muitos outros ingredientes, que tinham servido para um cosimento, eom que os pretos banhavam as partes affectadas; era d'ahi talvez que provinha o mau cheiro, por que não o tinham outras folhas da mesma planta, servidas depois para experimentação. Afirmam os pretos que a trombeteira foi fervida sem mistura de nenhuma outra cousa.

virosas, e muito analogos, principalmente, aos da belladona, e do estramonio.

É provavel que esta dose fosse fatal, se encontrasse um estomago vasio, caso em que seriam mais rapidos, e mais violentos os seus effeitos. Notarei por ultimo que o cosimento d'esta e de outras especies de *Datura* é aconselhado externamente em banhos e fomentações, entre outros medicos, pelo Dr. Chernoviz.

A proposito d'este caso, lembro-me de mais dous que observei em 1859, e nos quaes a substancia venenosa empregada foi a mandioca.

Um d'elles foi o de uma rapariga de 20 annos, creada de servir, que, soffrendo de ephelides em varios logares da pelle, foi induzida, por um curandeiro, a beber a agua da mandioca *serenada*, isto é deixada ao relento da noite. Tomou este remedio pela manhã cedo, e achando-se incommodada pouco depois, não declarou, ou ignorava, o motivo de seu incommodo. Fui chamado a vê-la já de noite, e achei-a em estado de collapso, completamente fria, sem pulso, olhos encovados, lingua fria, havendo manifestado todos os symptomas de cholera, á excepção da diarrhea; vomitos, caimbras, anciedade, sêde, tudo fêz suspeitar um ataque esporadico d'aquella molestia, que de vez em quando se observava ainda n'aquella epocha. A infeliz rapariga morreu n'essa mesma noite, depois de ter declarado que tomara a mandioca *serenada*, que lhe haviam aconselhado para curar as ephelides. Effectivamente encontraram-se ainda em casa indicios certos de ter sido esta a causa da morte.

O outro caso foi de um preto escravo, de 50 annos, que tinha uma adenite inguinal; outro preto aconselhou a raiz da mandioca para o curar, e da qual, quando o exanimei, se encontraram vestigios em uma vasilha debaixo da cama. Este preto negou a principio que tivesse tomado remedio algum caseiro, mas á vista d'esta prova confessou que tomara a mandioca (preparada não sei como) por conselho de outro; estas investigações foram motivadas pelas suspeitas que me despertaram os symptomas, pela sua perfeita analogia com os do caso precedente.

Este preto, quando o vi a primeira vez, tinha diarrhea, vomitos, caimbras nas pernas e braços, afflicção precordial, frieza geral de toda a superficie cutanea, feições amortecidas, olhos encovados, lingua fria, voz sumida, pelle dos dedos murcha e enrugada: finalmente, os symptomas todos de um ataque de cholera asiatica.

O tratamento empregado foi: primeiro o

oleo de ricino, e depois os estimulantes, ammonia, ether, vinho, café forte &c. &c. fricções seccas sobre a pelle, e sinapismos, restabelecendo-se o doente em pouco mais de vinte e quatro horas, depois de uma ligeira reacção febril.

Estes casos mostram a facilidade com que se dão e aceitam conselhos d'esta ordem, e se empregam remedios tão perigosos, que, por ignorancia de quem os dá e de quem os aceita, occasionam frequentemente accidentes graves, e até a morte, e, alem d'isso, a difficuldade do diagnostico nos casos em que, como no primeiro d'estes dous, não occorrem suspeitas da verdadeira causa de tão graves desordens; o segundo seria por mim considerado, sem duvida, como um caso de cholera esporadica, de que eu tinha então observado alguns exemplos, se as revelações da primeira doente me não levassem ás indagações rigorosas, que me orientaram acerca da natureza da molestia.

Quantos exemplos semelhantes não terá occasionado a tenebrosa medicina dos mênheiros africanos, e a formidavel e desastrosa therapeutica dos curandeiros de cancos?

CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA.

Meu caro Redactor.

Ha questões de medicina pratica que devem ser elucidadas pela imprensa, e, sobre tudo, por homens, que teem por si os recursos valiosos da observação clinica; nem para outro fim me atreveria a occupar uma pagina de vossa nascente publicação, que já merece as sympathias da classe medica, se, ao lado do interesse que se prende ao assumpto que vou esboçar, não tivesse a certeza de que, dos praticos illustres da Bahia, poderia eu receber as satisfactorias explicações.

Ha tempos que trabalho na versão para nossa lingua da obra ingleza do dr. Eduardo Meryon, sobre as principaes formas de paralysisia, obra cuja importancia não procurarei discutir n'esta occasião, mas que, em geral, encerra uma bella colheita de factos, que esclarece a maior parte dos phenomenos morbidos, obscuros até certa data, e que hoje, devido ás brilhantes investigações de physiologia e pathologia do systema nervoso, começam a surgir das trevas da incerteza e da duvida.

Traduzindo o capitulo que trata da «Atrophia Muscular Progressiva,» lembrei-me de uma observação referida na Revista do Atheneu Medico Academico (n.º 2 e 3), por um dos alumnos mais distinctos d'esse tempo, hoje